

Psicanálise e educação: sobre Hefesto, Édipo e outros desamparados dos dias de hoje

LIA SILVEIRA

Psicanálise e educação: sobre Hefesto, Édipo e outros desamparados dos dias de hoje de Andréa Brunetto. Campo Grande: Editora da UFMS, 2008.

Em tempos de elogio à perfeição, falar de educação e deficiência, nunca é sem riscos. A busca pelo ideal da beleza e da saúde permeia um discurso que insiste em negar tudo que claudica, manca, coxeia. Andrea Brunetto se arrisca e consegue subverter o discurso corrente, ao se apropriar desses temas por uma outra via: aquela que, em vez de negar, aponta para o lugar do desejo, lá onde mancos e coxos somos todos nós.

Já na introdução de "Psicanálise e Educação: sobre Hefesto, Édipo e outros desamparados dos dias de hoje", a autora anuncia essa subversão ao afirmar que o objeto de seu texto não é o deficiente, mas o "desamparo humano, a falta-a-ser que Freud chamou de castração, e como cada sujeito lida com ela". Já de saída percebemos não se tratar de um livro para educadores ou para profissionais que lidam com o diferente, o deficiente. É um livro para quem lida com o sofrimento humano.

Mas seu objeto não se apresenta pronto desde o início. Antes, vai sendo construído ao longo de sua escrita e, para chegar a falar do que manca, a autora começa pelo ideal. Não o do nosso tempo, feito de academias, cirurgias e clínicas de reabilitação. Trata-se de um outro e, embora pareça pautado nos mesmos valores do belo e do saudável, pertence a um registro bem diferente. Trata-se do ideal Grego em suas relações com a segregação e a verdade.

Foucault, num volume dedicado à coletânea de suas aulas no Collège de France, intitulado "A Hermenêutica do sujeito"¹, aponta que a ruptura entre as práticas de si, como os gregos as praticavam, e aquelas que se configurarão a partir daquilo que o autor chama de *momento cartesiano* está exatamente na relação

¹ FOUCAULT, M. A. *Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006

com a verdade. Segundo ele, a *epiméleia heautou* dos gregos implicava um conjunto de práticas (erótica, dietética, exercícios físicos) que tinham por fim o acesso do sujeito à verdade. Por outro lado, aquele que não tem cuidado consigo mesmo encontra-se no estado de *stultitia*, termo que poderíamos traduzir por “estupidez”. Com ele, os gregos referem-se àquele cuja vontade não é livre, que deixa a vida correr, não dirige sua atenção a uma meta precisa, não pauta suas ações por seu querer. Temos assim que a diferença entre um *stultus* e um homem livre é marcada exatamente por seu acesso à verdade.

Na primeira parte do livro, intitulada “A Segregação, o Ideal Grego e a Verdade” Brunetto vai buscar nos gregos a relação entre ideal, saber e verdade para fazer-nos revirar as concepções contemporâneas de normalização, integração, reabilitação, inclusão e outros tantos nomes que tentam afirmar uma suposta igualdade de direitos.

Realizando uma travessia com guias como Homero, Aristóteles e Platão, a autora nos mostra quais as vertentes que perpassam o ideal grego, seu caráter político, a busca pela *Aretê*, em nome da qual se pode sacrificar até a própria vida. Em nome dessa honra, a eugenia grega decidia sobre o destino das crianças recém-nascidas, não permitindo aos mutilados sobreviverem. Segundo a autora, o destino desses renegados era o *Apótetas*, um local destinado ao abandono. Brunetto aponta, ainda, como tal ideal vai destoar completamente dos valores sustentados posteriormente pela ética cristã, marcados pela humildade, pelo arrependimento e pela culpa.

No capítulo 3, o livro começa a tratar do resgate da relação do sujeito com a verdade que marca a ética proposta pela psicanálise. No percurso freudiano, a autora mostra como a concepção de educação vai mudando conforme avança sua teoria sobre a pulsão. Se no início Freud acredita na possibilidade de uma “educação preventiva” pautada no conhecimento psicanalítico, sua obra vai paulatinamente caminhar para o deslocamento do ideal da educação para o campo do impossível, para a concepção de que todo sujeito é claudicante por sua relação com a pulsão de morte. Em Lacan, a autora vai buscar o conceito de “debilidade” para abordar a relação do sujeito com o saber e a verdade. A debilidade não seria uma noção deficitária e sim uma “doença fundamental

do sujeito na relação com o saber”.

Dessa forma, as noções de perfeição, equilíbrio e harmonia não seriam compatíveis com o fato de sermos falantes, pois o homem, para ter acesso à linguagem, paga o preço de sua impossibilidade de tudo dizer. A miragem de completude só é possível no registro do imaginário no qual, por meio da relação com o outro especular, construímos nossa “imagem ortopédica”.

Na segunda parte do livro, intitulada “Destoar de um ideal”, Brunetto retoma “O estádio do espelho como formador da função do Eu”, entre outras referências, para abordar como se dá a constituição do eu nessa dimensão imaginária, decorrente de uma projeção da imagem do corpo. O bebê, num primeiro tempo, experimenta o despedaçamento e a fragmentação de seu corpo, e vai recorrer a uma imagem no espelho que antecipa uma imagem total. Entretanto, esse que é visto no espelho é tomado como um outro. Estar “acompanhado” deste outro especular faz o sujeito se confrontar com o medo de ser subjugado e despojado de seu lugar. A autora afirma: “Se a identificação a uma imagem dá um sentido ao sujeito, por outro lado, o aprisiona, e aliena-o, pois o fixa nesse sentido e impede o desejo inconsciente de advir” (p.48)

Mas essa dimensão especular não é suficiente. É preciso que, além de uma montagem imaginária haja também uma inscrição simbólica. Brunetto lembra: “para a psicanálise, o corpo se faz pelas palavras, é diferente do corpo para a ciência médica, um equivalente do funcionamento do organismo.” É aí que ele manca, claudica, tropeça na linguagem e na sua impossibilidade de tudo dizer.

Se na relação (identificação e rivalidade) com o outro nos debatemos para construir um corpo, nas palavras buscamos dar sentido a ele. Entretanto nem tudo nesse corpo é passível de ser simbolizado, e o corpo enquanto carne, enquanto real, sempre aparece nas frestas, nos buracos, naquilo que falta. Por isso Brunetto vai argumentar que, quando o outro é deficiente, obrigamos a deparar com aquilo que não queremos ver: “ameaça-nos apontando-nos uma inconsistência e então o vemos como estranho, ele ameaça nosso narcisismo, pois estamos exatamente na posição de igual, semelhante.” (p.50)

Pela sua intimidade com a literatura e com o mito, a autora nos presentia no livro ao exemplificar essa imperfeição através

de célebres “desamparados”: Hefesto, o ilustre coxo; Édipo, o dos pés inchados; Dorian Gray, escravo de seu pacto com a beleza; Schreber e o rígido ideal de educação de Shcreber-Pai; Kenzaburo Oe e sua escrita singular. Outros, nem tanto célebres (João, Fernando e Paulo) surgem da clínica da autora para pontuar suas elaborações.

Entretanto, apesar do reconhecimento desse desamparo e do desfile de sua inscrição em cada um desses personagens, o livro de Andrea Brunetto, segundo suas próprias palavras, não pretende fazer “uma apologia de que os sujeitos devam viver confrontados com a castração e deixar para lá os ideais” (p.95). A saída pelo desejo é a aposta da psicanálise que seu texto presentifica: “cada sujeito, talvez mais ainda o débil, precisa encontrá-la. Parar de pagar os pecados e culpas, sair dos sacrifícios e dadivosidades, e construir um significante novo.” (p.93) A escrita de Andrea, ao misturar arte e dor é, em si mesma, uma mostra da potência dessa construção.